

# Bonecos vivos na praça

Magia do Grupo Giramundo reviveu Tiradentes na Praça da Assembléia

Cláudio Rocha

Cordas, arames, panos, madeiras, espuma sintética, feltros, plumas e outros materiais considerados menos nobres pela maioria das pessoas são a matéria-prima essencial para se construir o encanto e a magia do teatro de marionetes. Popularmente conhecidos como boneco de engoço, bonifrate, títere, fantoche ou, na forma brasileira, por briguela, mamulengo ou mané-gostoso, as marionetes atraem há



Espécie de Gepeto, Álvaro Apocalypse diz que teatro é truque e mágica

séculos gerações de crianças e adultos. E é justamente este universo feito de pau e corda que foi apresentado na Praça da Assembléia ("hall" das Bandeiras), no último dia 14.

O espetáculo "Tiradentes, uma História de Titeres e Marionetes", concebido e produzido pelo Grupo de Teatro de Bonecos Giramundo, marcou a estréia da companhia em espetáculos ao ar livre. O texto, escrito por Álvaro Apocalypse, narra as situações degradantes a que eram submetidos os brasileiros, da então Vila Rica, à

época da exploração portuguesa no Brasil de 1792.

O enredo aborda três poetas da Inconfidência - Alvarenga Peixoto, Cláudio Manoel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga - que, reduzidos a mendigos, lamentam-se terem sido abandonados pela memória popular. Os burocratas, clero, aristocratas, escravos e coronéis das Minas Gerais do século XVIII são apresentados com irreverência e exatidão históricas, de maneira diferente das apresentadas pelos livros didáticos. A peça faz parte da "Trilogia Brasil", juntamente com o "Guarani" e "Cobra Norato", e foi escolhida para encerrar oficialmente as comemorações do Bicentenário da morte de Tiradentes.

Com seu jeitinho de Gepeto, Álvaro Apocalypse conta que os bonecos utilizados na peça alinham-se à tradição dos Pupi Napolitanos e das marionetes "a tringle" dos teatros franceses e belgas: "não só pela técnica ou manipulação em si, mas pelo que representam no gênero de grande aceitação popular e pela maneira que tratam temas históricos, com uma linguagem acessível e de crítica bem humorada", observa.



Mais de 40 pessoas trabalham em cada montagem

## Grupo criado na UFMG há 20 anos já se apresentou em muitos países

O grupo de Teatro Giramundo surgiu em Belo Horizonte em 1970, na Escola de Belas Artes da UFMG. Inicialmente três pessoas faziam parte de um projeto para criação de um teatro de marionetes no Brasil. Álvaro Apocalypse, Teresinha Veloso - sua mulher - e Madu, produziram a primeira peça do grupo, "A Bela Adorme", adaptada para o teatro de marionetes por Apocalypse e apresentada com grande sucesso em 1971. Hoje a execução de um espetáculo envolve, em média, 12 artesãos que trabalham diretamente durante as apresentações; incluindo-se músicos, iluminadores e sonoplastas, mais de 40 pessoas trabalham numa montagem.

O Giramundo levou suas histórias a diversos recantos do planeta, sempre com sucesso e reconhecimento de público e crítica. Entre os países que assistiram a dança dos bonecos estão Argentina, Uruguai, Venezuela, México, Estados Unidos, França, Itália, Suíça e Bulgária. Na Itália e França foram várias as apresentações e no México uma excursão percorreu o país de Norte a Sul, com espetáculos em várias cidades.

Álvaro Apocalypse considera o teatro de marionetes "truque e mágica" e a maior dificuldade nos espetáculos ao ar livre é a armação do palco. Nem mesmo o teatro tradicional foi feito para proporcionar espetáculos de marionetes. Para a apresentação na Assembléia, por exemplo, foi construído um palco e novos mecanismos para manipulação.

"Tiradentes, da maneira que foi concebido e escrito, é um libelo político e quanto mais gente tiver a oportunidade de ver, mais gratificado ficarei. Não importa dinheiro, o que vale é que o povo conheça o que foi a opressão portuguesa no País", enfatiza Álvaro Apocalypse.